

O Ego e a Máquina: Como o Capitalismo Substituiu o Sagrado pelo Eu

A humanidade outrora se compreendia como parte de algo vasto e misterioso – o cosmos, a terra, o divino, o ritmo eterno da vida. Cada cultura tinha sua maneira de expressar a mesma coisa: que o significado não reside na posse, mas na participação; não na acumulação, mas na conexão.

No entanto, nos últimos séculos, particularmente com a ascensão do capitalismo e da modernidade industrial, essa bússola foi invertida. Onde o sagrado antes orientava a vida humana, o **eu** assumiu o trono. A antiga busca pela transcendência – ir além do ego – foi substituída pela incessante perseguição da gratificação do ego.

No vácuo deixado pela morte do mito, o **consumismo tornou-se a nova religião**, e o mercado, seu templo. A humanidade trocou a libertação interior pela abundância material e, ao fazê-lo, encontrou-se estranhamente vazia.

Crenças Indígenas e Antigas: Viver no Círculo

Muito antes do surgimento das economias modernas, as sociedades indígenas e antigas viviam segundo cosmologias que dissolviam a fronteira entre o eu e o mundo. Nessas culturas, a vida não era uma posse, mas uma relação, uma tecelagem de laços recíprocos com a terra, os animais e o invisível.

A Rede da Vida

Entre muitas nações indígenas americanas, o mundo era entendido como uma **rede interconectada** – o “Grande Círculo” ou “Círculo Sagrado” – onde os seres humanos eram parentes de animais, plantas, rios e estrelas. A frase Lakota *Mitákuye Oyás’iŋ* – “Todos os meus parentes” – expressa uma metafísica do **interser** séculos antes que a ciência ecológica a ecoasse.

O eu, nessa visão de mundo, não é uma consciência isolada, mas um nó em uma rede viva. A identidade de uma pessoa é relacional – moldada pela comunidade, pelos ancestrais e pela própria paisagem. Agir sem reverência pelo todo é ferir a si mesmo. A maturidade espiritual, portanto, significava dissolver a ilusão da separação, vivendo com humildade entre o mundo mais-que-humano.

Rituais, oferendas e cerimônias sazonais não eram mera superstição, mas **atos de equilíbrio** – reconhecimentos de que a vida flui em círculos, de que dar sustenta receber. O caçador agradecia ao espírito do cervo; o agricultor orava pela chuva; o contador de histórias invocava os ancestrais. Toda a vida participava de uma troca sagrada.

Civilizações Antigas e o Cosmos Sagrado

No Egito antigo, na Índia, na Grécia e na Mesoamérica, temas semelhantes aparecem. O universo não era matéria inerte, mas **animado** – vivificado por uma inteligência divina. O conceito egípcio de *Ma'at* (verdade, equilíbrio, ordem cósmica) e o *kosmos* grego apontam ambos para uma totalidade harmoniosa na qual cada ser tem seu lugar.

O papel da humanidade não era dominar a natureza, mas **refletir sua harmonia**. Templos eram construídos como réplicas simbólicas do cosmos, e os sacerdócios serviam como mediadores entre mundos. Quando a humanidade esquecia seu papel cósmico – quando o ego e a ganância perturbavam *Ma'at* – seguia-se o desordem: fome, guerra, decadência moral.

Taoísmo: O Fluxo do Ser

Na China antiga, o **Taoísmo** levou essas intuições a um refinamento filosófico. O *Tao Te Ching* ensina que o Caminho (*Tao*) é a fonte e o ritmo de toda a existência. O sábio dissolve o ego por meio do *wu wei* – ação sem esforço – permitindo que a vida viva através deles.

“O bem supremo é como a água,” escreveu Laozi, “que beneficia todas as coisas e não compete.” Viver contra o Tao – esforçando-se, forçando, dominando – é sofrer. Retornar ao Tao é tornar-se transparente, como a água que flui colina abaixo, moldada, mas não quebrada.

Aqui, novamente, a dissolução do ego não é aniquilação, mas **alinhamento** – a redescoberta de que a corrente pessoal é inseparável do rio cósmico.

A Sabedoria Compartilhada

Através dessas diversas tradições – indígenas, egípcias, taoístas – brilha a mesma percepção: que o significado, a sanidade e a sobrevivência dependem de lembrar que **pertencemos ao todo**. O eu é uma expressão temporária de algo incomensuravelmente maior, uma faísca no grande fogo.

Esquecer isso é o pecado original – a queda na separação. Recordá-lo é a salvação, muito antes de a palavra significar crença.

Religiões Contemporâneas: A Morte do Eu Separado

À medida que as filosofias da humanidade evoluíam e as religiões formais surgiam, o mesmo fio místico continuava a aparecer, embora expresso em novas linguagens e formas míticas.

Budismo: O Silêncio do Não-Eu

No Budismo, o ensino do *anattā* – “não-eu” – desmonta a ilusão de um “eu” duradouro e independente. O que consideramos o eu é um fluxo de sensações, percepções, pensamen-

tos e consciência. A libertação surge quando essa ilusão se dissolve. O fim do apego é o *nirvāṇa*, a extinção dos fogos do ego de desejo, aversão e ignorância.

O praticante budista treina na atenção plena e na compaixão justamente para afrouxar as fronteiras do eu. Quando vemos que nossos pensamentos e emoções são transitórios, não mais nos identificamos com eles. O que resta é a consciência em si – luminosa, sem centro, livre.

O Buda não nos ensinou como sermos eus melhores; ele nos ensinou como sermos **livres do eu**.

Hinduísmo: O Infinito Dentro

Na filosofia hindu, especialmente na Advaita Vedānta, o ego é um véu de ignorância (*avidyā*). Abaixo dele está o *Ātman*, o verdadeiro Eu, que não é pessoal, mas idêntico ao *Brahman* – o fundamento infinito do ser.

A famosa frase upanishádica *Tat Tvam Asi* – “Tu és Isso” – declara que a essência do indivíduo é a mesma que a essência do cosmos. O caminho para a libertação (*moksha*) não é, portanto, a perfeição da individualidade, mas sua transcendência.

Quando a onda percebe que é água, o oceano do ser se revela. O ego não se dissolve no nada, mas no infinito.

Islamismo e Sufismo: A Aniquilação no Amado

No Islamismo, a verdade última é o *tawḥīd* – a unidade de toda a existência na unicidade de Deus. Os místicos do Islã, os **Sufis**, transformaram essa doutrina em uma experiência viva. Por meio da lembrança (*dhikr*) e do amor, o ego do buscador se funde no brilho do Amado até que apenas Deus permaneça.

A história do **Sufi Voador** incorpora essa verdade. Um dervixe, por meio de profunda devoção, aprende a voar. Mas enquanto paira, um pensamento cruza sua mente: “*O que minha família pensará quando souber que posso voar?*” Imediatamente, ele cai no chão. Seu mestre lhe diz: “Você voava bem, mas olhou para trás.” No momento em que a autoconsciência retorna, a graça desaparece.

No Sufismo, isso é chamado de *fanā’* – a aniquilação do eu em Deus. Mas essa aniquilação é seguida por *baqā’* – subsistência em Deus. O ego morre, e o que resta é pura presença.

Judaísmo: A Nulificação do Eu

No Judaísmo Cabalístico, o místico busca o *bittul ha-yesh* – a nulificação do “algo” do ego – para encontrar o *Ein Sof*, o Infinito. O *tzaddik* ou pessoa justa é aquele que se esvazia tão completamente que a luz divina flui através dele sem obstrução.

Nessa linguagem mística, a humildade não é modéstia, mas **verdade ontológica**: apenas Deus verdadeiramente “é”. Quanto mais o ego se dissolve, mais o divino se torna visível no mundo.

Cristianismo: O Esvaziamento e a Habitação

O misticismo cristão oferece sua própria versão no conceito de *kenosis* – esvaziamento de si. São Paulo escreveu: “Vivo, mas não eu, é Cristo que vive em mim.” Para Meister Eckhart, a alma deve “tornar-se vazia de si mesma” para que Deus possa nascer dentro dela.

No cristianismo contemplativo – a linhagem dos Pais do Deserto, da Nuvem do Desconhecimento e dos místicos carmelitas – a oração não é pedir coisas, mas entrar no **silêncio** onde o ego se cala e a presença divina se torna tudo em tudo.

Wicca e Paganismo: O Círculo Sagrado Reclamado

A moderna **Wicca** e o paganismo contemporâneo, embora muitas vezes descartados como religiões “novas”, carregam a memória antiga da imanência – a ideia de que o divino está *dentro* do mundo, não acima ou além dele.

Na *Carga da Deusa*, um dos textos centrais da Wicca, a Deusa declara:

■ “Todos os atos de amor e prazer são meus rituais.”

Aqui, a divindade não é encontrada fugindo do mundo, mas abraçando-o plenamente e com reverência. O ego se dissolve por meio do **êxtase e da encarnação**, não do ascetismo.

O círculo ritual representa a totalidade da existência – sem hierarquia, sem separação. Quando a Alta Sacerdotisa invoca “a Senhora” ou o “Senhor”, não é uma divindade externa que desce, mas o despertar do **divino dentro e entre** todos os participantes.

Festivais sazonais – a Roda do Ano – ensinam que morte e renascimento, escuridão e luz, são um único pulso contínuo. O praticante aprende a se ver não como mestre da natureza, mas como sua expressão. Na dança extática, em transe, em comunhão com a terra e o céu, a fronteira do eu se torna tênue até que se sinta: *Eu sou a floresta que respira; eu sou a lua que se vê na água.*

O caminho da Wicca para a transcendência, portanto, é **imanente** em vez de vertical. O ego não se dissolve para cima, rumo ao céu, mas para fora, na rede viva da Terra.

Psicologia: Maslow e a Ciência da Transcendência

No século XX, a psicologia começou a redescobrir o que os místicos sempre souberam. A hierarquia de necessidades de Abraham Maslow tornou-se icônica para descrever a motivação humana – da sobrevivência básica ao amor e à estima, culminando na **autorrealização**.

Mas, no final de sua vida, Maslow revisou seu modelo. Além da autorrealização, ele reconheceu outro estágio: **autotranscendência**. Aqui, a fronteira do eu se dissolve. Tornamo-nos participantes de algo maior – seja serviço, criatividade, natureza ou união mística.

A neurociência moderna ecoa isso. Quando as pessoas entram em meditação profunda, oração extática ou estados de fluxo, a **rede de modo padrão** – a parte do cérebro que mantém nosso senso de eu – se aquieta. O correlato subjetivo é a dissolução do ego, acompanhada de paz, compaixão e unidade.

O que Maslow, o Buda e o Sufi observaram, cada um em sua própria linguagem, é que **o maior potencial humano não está na perfeição do eu, mas em sua transcendência.**

Capitalismo: A Idolatria do Ego

E, no entanto, a civilização que domina o mundo moderno é construída sobre a suposição oposta: que o eu não deve se dissolver, mas ser **ampliado** infinitamente.

O capitalismo, em sua essência psicológica, depende da fome do ego. Ele prospera transformando a saudade espiritual em desejo consumível – convencendo-nos de que o vazio interior pode ser preenchido com posses, poder, status e estimulação.

A publicidade não vende produtos; ela **fabrica desejo**. Ela nos diz: *Você está incompleto – mas isso te completará.* Ela vende salvação através de coisas.

O paradoxo é trágico: a insatisfação do ego, que a sabedoria antiga buscava curar por meio da transcendência, tornou-se **o motor da economia**. O vazio não é mais um problema espiritual – é um modelo de negócios.

Assim, o que antes era visto como a raiz do sofrimento – desejo, apego, orgulho – foi rebatizado como virtude: ambição, produtividade, conquista. Buscar união ou silêncio é, nessa visão de mundo, improdutivo – até perigoso, porque ameaça a maquinaria do desejo.

O mantra do capitalismo não é *“Fique quieto e saiba”*, mas *“Maior, melhor, mais rápido, mais.”* E, no entanto, quanto mais alimentamos o eu, mais faminto ele se torna. Os shoppings e os feeds digitais são catedrais desse deus inquieto – o **ídolo do ego** – consumindo incessantemente, produzindo nada que realmente satisfaça.

Conclusão: O Retorno do Sagrado

A crise da modernidade não é apenas econômica ou ecológica; é **espiritual**. Uma civilização organizada em torno do ego não pode se sustentar, porque o ego não conhece limites. Ele devora a terra, uns aos outros e, finalmente, a si mesmo.

Mas ao nosso redor há sinais de despertar: pessoas voltando-se para a meditação, a comunidade, a consciência ecológica e novas formas de solidariedade. A ciência também está começando a reconhecer o que os sábios declararam há muito tempo – que a saúde da mente, do planeta e da alma são inseparáveis.

Dissolver o ego não é perder-se; é **voltar para casa** – redescobrir a unidade que nunca foi perdida, apenas esquecida.

A próxima revolução não será travada com armas ou algoritmos, mas com consciência. Quando a humanidade lembrar que *não somos os mestres do mundo, mas momentos dele*, o sagrado despertará novamente – não em templos ou doutrinas, mas em cada ato de consciência, compaixão e simplicidade.

Referências e Leitura Adicional

Pensamento Antigo e Indígena

- Black Elk, *Black Elk Speaks* (John G. Neihardt, 1932)
- Vine Deloria Jr., *God Is Red: A Native View of Religion* (1973)
- Laozi, *Tao Te Ching*, trad. D.C. Lau (Penguin Classics, 1963)
- Fritjof Capra, *The Tao of Physics* (1975)

Misticismo e Religiões do Mundo

- Aldous Huxley, *The Perennial Philosophy* (1945)
- D.T. Suzuki, *Essays in Zen Buddhism* (1927)
- Swami Vivekananda, *Jnana Yoga* (1899)
- Annemarie Schimmel, *Mystical Dimensions of Islam* (1975)
- Gershom Scholem, *Major Trends in Jewish Mysticism* (1941)
- Meister Eckhart, *Selected Writings* (Penguin Classics, 1994)

Wicca e Neopaganismo

- Doreen Valiente, *The Charge of the Goddess* (1957)
- Starhawk, *The Spiral Dance* (1979)
- Ronald Hutton, *The Triumph of the Moon: A History of Modern Pagan Witchcraft* (1999)

Psicologia e o Eu

- Abraham Maslow, *The Farther Reaches of Human Nature* (1971)
- Mihaly Csikszentmihalyi, *Flow: The Psychology of Optimal Experience* (1990)
- William James, *The Varieties of Religious Experience* (1902)
- Stanislav Grof, *Psychology of the Future* (2000)

Cultura e Capitalismo

- Erich Fromm, *To Have or To Be?* (1976)
- Christopher Lasch, *The Culture of Narcissism* (1979)
- Naomi Klein, *No Logo* (1999)
- Charles Eisenstein, *The More Beautiful World Our Hearts Know Is Possible* (2013)